

CASA VOADORA

Livro de sobrevivência de um autor com TOC



tao
☐ ☐

Luiz Otavio de Santi

CASA VOADORA

Livro de sobrevivência de um autor com TOC

Luiz Otavio de Santi

Casa voadora: livro de sobrevivência de um autor com TOC

© 2023 Luiz Otavio de Santi

© TAO Editora

Publisher Edgard Blücher

Editor Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Lidiane Pedroso Gonçalves

Diagramação Negrito Produção Editorial

Preparação Vânia Cavalcanti

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Marco Antonio Fernandes



Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
contato@taoeditora.com.br
www.taoeditora.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios, sem autorização
escrita da Editora.

Santi, Luiz Otavio de.

*Casa voadora: livro de sobrevivência de
um autor com TOC / Luiz Otavio de Santi.* –
São Paulo : Tao, 2023.
444 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-89913-31-3

1. Santi, Luiz Otavio de – Narrativas
pessoais. 2. Transtorno obsessivo-
compulsivo. 3. Covid-19 (Doença).
4. Reflexões. I. Título.

23-1701

CDD 920.71

Todos os direitos reservados pela Tao
Editora.

Índices para catálogo sistemático:

1. Santi, Luiz Otavio de – Narrativas pessoais

Conteúdo

Prefácio	7
Aviso à leitora e ao leitor	9
O mapa da casa	11
Abertura da casa	19
PARTE I – DESAFINAÇÕES	29
A casa de fogo	31
Casa pandêmica	51
Casa nossa: onde, que, como	63
Casa desafinada	75
Casa como	107
Casa de sobrevivência – minha casa – o transtorno obsessivo compulsivo, o TOC	163
PARTE II – AFINAÇÕES TERAPÊUTICAS	239
9 de outubro de 2020	241
Apontamentos e aprendizagens – síntese do aprendiz	247
Casa pêndulo	261
Casa do teatro de sombras, o jogo de cena	289
Casa da meditação	307
Casa da eutonia	341
Casa energética	381
Casa cosmoética	419

PARTE III – EPÍLOGO	427
Final	429
Da casa de fogo à casa genética	435
Casa voadora.....	443

Parte I

DESAFINAÇÕES

A casa de fogo

O tiro foi certo, entrou pelo topo da cabeça e a pequena bala do revólver 22 alojou-se no centro do cérebro dele. Atravessou tudo, de cima a baixo, lobo frontal, tálamo, hipotálamo, e parou ali na hipófise. Um estrago mortal. Uma outra bala não foi irmã dessa. Alojou-se no bolso da calça jeans perto da virilha. Não entrou, deu chabu. Um tiro no alvo, outro cuspidor, encrocado, travado, quase um festim. Se os dois tivessem sido assim, a história teria sido outra. Poderia ter vários outros desfechos melhores do que o consumado. Nunca pude conferir o que de fato ocorreu na cena. Minha imaginação desenha assim: era uma tocaia, a besta se escondeu numa moita ao lado da estrada, talvez até dentro de um mata-burro. A vítima desceu do cavalo para abrir a porteira quando o alucinado deu a voz de rendição. Devem ter se estranhado, Mário tentou se defender, aí veio a primeira bala na calça. Mário deve ter se dobrado para frente num gesto automático de defesa e expôs o topo da cabeça a Antônio. Daí, mais um passo adiante, a segunda veio à queima-roupa, chamuscando o cabelo. O moço tinha só 25 anos de idade, o assassino, uns 35, no máximo.

Mário aguentou uma semana em coma, vegetando. A esperança muitas vezes quer ser ingênua. Pensávamos, “ele vai acordar, vai ter sequelas terríveis, mas ele vai voltar”. O crime foi num 28 de dezembro de 1980, o falecimento dia 3 de janeiro de 1981, dia do aniversário de nossa mãe. A morte de meu irmão Mário Augusto mudou o rumo de várias famílias, a central delas, a nossa, evidentemente. Uma mudança de fazer a vida ficar sem sentido por um tempo. O

sentido primevo que passaria a ter a vida para todos era exatamente o do local onde a bala parou, no cérebro reptiliano, no cérebro selvagem, de onde partiram a ira e a loucura do assassino. Matamos uns aos outros, seres humanos matam-se uns aos outros não para comer, nem para defender sua matilha, mas por ódio, dinheiro, insanidade mental, por idiotices.

Somos todos idiotas. De idiota, todos temos um pouco, com raras exceções santificadas. Se não matamos outro humano, matamos animais, caçamos animais, maltratamos animais e também seres humanos. Escravizamos, vilipendiamos, exterminamos, banimos, exilamos. Somos filhos da Terra? Difícil de acreditar. Mais fácil acreditar que viemos das teorias fajutas de ET e de naves espaciais. Ou de cometas que, no impacto profundo com o Planeta, nos trouxe para cá em forma de água e poeira cósmicas vivas. Exatamente como um esperma entra de cabeça num óvulo e, de lá, resulta um bebê, nós, aqui, somos, “estamos” gestados por um longo período, passamos pela água, pelos pântanos, pelas savanas, resistimos ao gelo, dominamos o fogo até chegarem as armas de fogo para executar o serviço. Esse talento não sai de moda. Ao contrário, voltou à moda garrucha no bolso, moda do estilista capitão-mor e sua caterva de atiradores, porque o mal invadirá a sua casa e lhe roubará seu patrimônio e sua honra. É melhor se proteger do mal matando também. E o dever dos idiotas é trocar tiros ou tapas com os outros idiotas, o direito à fundamental autodefesa. Incrível a ideia, pense comigo. Este grão de poeira cósmica no meio do nada tem ogivas nucleares suficientes para destruir a própria a Terra. Somos ou não uns idiotas? Para mim, sem dúvida. A paz é equilibrada pelo equilíbrio bélico entre oponentes. Só por isso. Além de idiotas, claro, sem ironia, somos também obra maravilhosa do Universo, da natureza, de Deus, como quiser ver. É fato, nosso cérebro é uma obra prima das estrelas, mas a idiotia veio junto com ele.

Ambientação, cerrado mineiro, a 49 quilômetros da cidade de Araxá, estrada de terra, ampla, larga, daquelas de comer poeira na

seca ou muita lama nas chuvas. Da adolescência até meus 30 anos de idade, vivi com o aroma do cerrado em minhas entranhas, especialmente nos meus espaços da memória. Minha experiência com aquela paisagem rude, imensa e bela salienta o sentimento e a possibilidade de estar vivo. Todos nós temos a potência para senti-la e vivenciá-la naqueles momentos mais marcantes, que são na infância e na adolescência. Nesta época da vida já somos algum tipo de gente bem formada, mas a sensibilidade e as ressonâncias com o mundo estão em alta definição. Jamais voltarão a ser as mesmas quando este momento passar, quando a adultice vai secando nossos fluídos emocionais. Fruta recém-madura, linda, um dia vai virando fruta seca. Daí o mundo vai tomando outros contornos, acho eu, menos sensitivos, menos encantados.

Seja qual for a circunstância, podemos ser pobres ou ricos, letrados ou iletrados, quando saudáveis, todos os cenários e momentos de nossa juventude ficarão editados no coração das memórias, onde o foco e os sentimentos não morrem, não secam. Uma usina hidroelétrica de sonhos e de liberdade. Tenho a impressão que se tivesse vivido numa favela, numa ribeira distante, em condições precárias num sertão qualquer, a doce e iluminada juventude estaria incólume para sempre num coração de leão. Poderia eu dizer, então, que a paixão pelo que fizemos e pelo cenário de nossa infância é inexorável? Que há uma relação de amor com os 20 primeiros anos de vida como se fosse uma espécie de sabedoria protetora da vida para nos levar adiante, por mais difícil que a vida seja para muitos? Desconsiderando as experiências trágicas, guerras, doenças, que são muitas, acho que sim. A sábia natureza nos despeja uma corrente de esperança, de amor à vida, de autoapreço, de alegria de viver. Viciamos em viver em nós mesmos e na vida, e em sonho, de tudo que dela virá. A sensação vale a pena, a esperança está nova em folha, cheia de vigor e bem abastecida de hormônios. As ressonâncias entre a mente e o corpo são muito vivas, lisérgicas, a ponto de apreciá-las com muito mais facilidade que um adulto com meia-vida. Lisergia e sonolência em

doses e momentos corretos. Os dias ficam lindos, as noites também, um dia depois do outro, o filme não acaba, as árvores não morrem, a chuva não é fria, o verão não é quente, e todas as “inas” estão jorrando bem, dopamina, serotonina, endorfina, ocitocina.

A fazenda havia sido comprada apenas quatro anos antes da morte dele, em 1976. Engenheiro agrônomo feliz e dedicado, ele formava a dupla de entusiastas pela vida rural, pelo trabalho em lavoura. O outro era nosso pai, também Mário. Sangue rural em família de imigrantes camponeses italianos. Um nome para a propriedade, San Jerônimo, ou Girólamo de Santi, homenagem a meu avô, e também ao santo tradutor da bíblia do grego para o latim. Pai e irmão contaminaram a família toda com a imagem e o movimento da volta à Terra, de ter um céu noturno para admirar, piçarra, cascalho e terra boa para plantar, assim como animais para criar. Paulistas levando seus hábitos a Minas Gerais, como muitos sulistas foram Brasil acima para refazer a paisagem rural e novos horizontes. Um sonho com elementos da colonização do oeste americano? Sim, acho que imigrações, desbravamentos e aventuras agrícolas fazem parte de toda a história humana. Falamos que nossa origem é italiana, que o outro é libanês, palestino, mas todos estamos em movimento há milênios. Esta nacionalidade que imprimimos no passaporte é um dos últimos minutos do filme. Diz a ciência (a conferir) que se recuarmos 20 gerações no tempo, temos uma árvore de parentesco com 20 milhões de pessoas. Será verdade? Não duvido. Posto isso, ninguém deveria ter a ilusão de pureza étnica, somos uma grande família com as mesmas cargas genéticas, o que predomina é a cultura, essencialmente.

De todo modo, o nome escolhido por meu pai foi o de seu próprio pai. Homenagens a um ramo da linhagem próxima, de uma das pessoas que viram a cidade de São Paulo virar uma metrópole em apenas 50 anos, do início do século 20 aos anos 1950. Neste período de tempo relativamente pequeno, quantas mudanças na qualidade de vida, não é? Já falamos disso. Talvez por participar um tanto desta vida sofrida, dar o nome de meu avô à terra deve ter sido uma forma

de agradecimento, saudade, consideração. Além do que, minha mãe deve ter um dedo nesta história. Religiosa, católica, deve ter pedido para algum santo entrar no batismo. Certeza que os empreendedores dedicavam um tanto de seus esforços e prazeres com a terra a esse cara legal que foi Jerônimo. Ele ficaria maravilhado com a jornada deles pela agropecuária, pelo cafezal e pelas lavouras brancas. No fim, o que menos aproveitou foi a vítima, o líder de todo o movimento. Em apenas quatro anos ele levantou uma estrutura de respeito, com moradias, currais, cafezal com 200 mil pés, maquinários, áreas de lazer, pastagens, lavouras. De uma terra parada, triste, vinda de um inventário de família das antigas, transformou um nada em algum lugar cheio de vida em pouco tempo.

Com meus 15 anos de idade, passava minhas férias inteiras ao seu lado. Mário, já cursando os últimos anos de Agronomia na Escola Luiz de Queiróz, USP, Piracicaba, vivia na terra. Nas horas vagas e em férias, seu lugar preferido era lá, na San Jerônimo. Com ele e com o povo do cerrado, aprendi muita coisa sobre a lida no campo. Diferentemente dele que juntava ciência e empirismo, eu só aprendi a por a mão na massa, na prática, no dia a dia. Cheguei até a pensar em imitá-lo na escolha profissional. Como todo garoto, o espelhamento no outro é um fato comum, e aquele clima de cerrado me inspirava muito, os dias e as noites lindas, as festas religiosas, os animais especialmente. Por conta do encanto e traquejo na lida com eles, cogitei cursar zootecnia, fato possível até hoje para um errante desespecialista. Ver uma vaca comer em silêncio, você e ela, já viu? Um cocho cheio de silagem e muitas delas comendo em silêncio, concentradas, com úberes cheios, o aroma forte de milho fermentado. Momento de ruminação do tempo. Na seca, com a pastagem mais rala e queimada, a silagem de milho é fundamental para suplementar a alimentação diária delas. A junção de gado com lavoura de milho é um combinado maravilhoso.

A planta de milho é sagrada em muitas culturas. Um dos manejos agrícolas mais esplendorosos com que lidar. Em 90 dias, têm-se o

plantio, a espera e a colheita, se tudo der certo. Este tudo é a natureza, a chuva e o sol. Para o plantador, é como estar entre o céu e a terra, literalmente. Um jardim enorme, amplo que, em 90 dias, se tem da terra nua uma floresta de um verde azulado perfumado e brilhante. Cada pé na imensidão carregando sua boneca no colo, são as espigas com seus cabelos ruivos e talos verdes. Um dos maiores prazeres da minha vida ficou naquelas temporadas de plantio de milho, parte dele para colher grãos e vender, e parte para silagem para dar ao gado. Aprendi que com milho, leite, ovos e feijão, a vida já tem fartura. A imagem da fartura, eu quis fazer, essencialmente com grãos de milho. No momento da colheita mecanizada, é comum a produção de uma piscina cujas paredes são feitas com o próprio milho ensacado. Faz-se um quadrado com uns 20 metros por 20; e, de altura, umas cinco sacas empilhadas umas nas outras. A colheitadeira, quando enche a própria capacidade do tanque, tem de descarregar sua carga em algum local e voltar à colheita. O local provisório e ideal para descarregar é no chão da lavoura mesma, enchendo esta piscina represada como um dique de ensacados. Minha relação com o milho sempre foi carnal e vegetal. Ali já introduzia o corpo na história viva da terra.

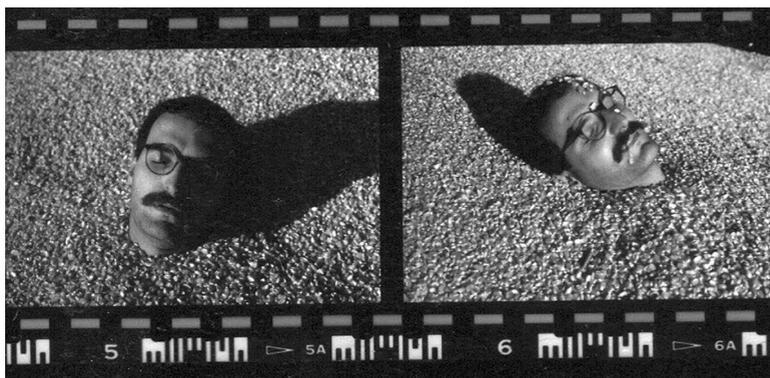


Figura 1.1 – Eu numa “piscina-depósito” de grãos de milho, 1989. Fonte: Acervo pessoal.

São impressões em três dimensões com mil cores ainda viva na carne e nos espaços da memória. A troca de calor do corpo com os grãos, na medida do tempo, muda a cada minuto. Ao cair da noite, o milho absorve o sereno limpo do sertão; daí, o caboclo tem de se desenterrar e deitar por cima. Aí, vira observatório, deitado, a contemplar a enorme Via Láctea em perspectiva de um disco sem fim. Pelas manhãs, um pouco antes do nascer do sol, outra vivência sensitiva antes de pegar no pesado, tratando ferida de animais, arando a terra, cavalgando, acompanhando meu mestre nas lavouras, equilibrando as doses de NPK, nitrogênio, fósforo e potássio, os três elementos indispensáveis às plantas e à produção. Ordenha? Isso, sempre deixei para os fortes. Não importa a idade do herói, jovem ou velho, já acompanhei muitos ao pé da vaca na ordenha, sentados em pequenos banquinhos monopé. É tarefa para braços e mãos mágicas. São pelo menos duas horas ao dia, das 04h00 às 06h00, movimentando as mãos e dedos numa repetitiva ação de extrair o leite, seja inverno ou verão, domingos e feriados. Faço uma reverência vitalícia aos lutadores da ordenha deste mundo, mesmo que boa parte dela seja mecânica. É um serviço duro, dos mais duros que conheço.

Fim de tarde de outono, o céu mais sutilmente cromatizado que vi na vida, e o maior de todos, amplo e redondo. As chuvas, cogumelos de água, rios aéreos gigantescos a vagar pelas bandas do céu e encostando as franjas na terra. O ar mistura fragrâncias de capim-gordura e suas sementes grenás, o araticum, o ipê amarelo, o doce do pequi, a gabirola, o baru, a cajá-manga, a canela de ema. Das quatro fronteiras da fazenda, uma delas era úmida. Termo usado para quando um rio é elemento divisório entre vizinhos. Seu nome sugestivo, Quebra-Anzol. Com esse nome, a gente consegue ver as entranhas dele. Imagine os barrancos e as grotas do cerrado em declive até as margens de um rio verde escuro, rodopiante, repleto de pedras negras como petróleo duro e mata ciliar exuberante. Povoado por mandis amarelos, piabanhas, peixes-cadela, dourados, canivetes, bagrinhos, pintados, piaparras e cascudos. Outros ilustres veteranos nômades como a cascavel,

o tatu-canastra, o quati, o gavião, o tucano, a ema, a seriema, o ouriço-caixeiro. Um tal de Caboclo D'Água, meio peixe, meio homem, entra nesta lista também, pela boca lendária dos matutos. Diziam que ele arrastava a pessoa para dentro d'água, especialmente as mulheres. Atravessei este cenário, quando noite enluarada, de uma margem à outra, na garupa de um cavalo nadador, abraçado a um caboclo de nome João Canoa. Um feito literário, tenho entendimento de que vivi um tempo literário, para mim, provavelmente único, uma página de Mário Palmério ou de Guimarães Rosa, uma partitura do sertão.

Um legado de Mário que acompanhei intensamente nesse prazo tão curto de trabalho e de vida. A cobra começou a ser criada quando veio de longe. Mário precisava de um parceiro para tocar a empreitada desde o início. A mão de obra local existia, mas era pouca. Um amigo de um amigo indicou um cabra que estava sem emprego e sabia de roça. Nascido e criado no interior da Bahia, estava em São Paulo tentando algo para recomeçar a vida, com mulher e uma criança. Contratado, meu irmão Carlos e eu fomos de fusca, 640 quilômetros, levá-lo à fazenda para começar a se ambientar e a trabalhar. Depois, levaria mulher e filho, quando uma casa lhe fosse dada para morar. Bicho silencioso, tímido, parecia um cigano estrangeiro no banco de trás do carro. Em uma semana, ele e Mario já estavam na labuta forte. Construindo do zero, cercas, currais, galpões provisórios, dormindo num velho rancho de pesca na beira do Quebra-Anzol. Mudariam dali enquanto pelo menos três casas eram construídas ao mesmo tempo, uma sede para nossa família e mais duas para novas famílias. Um casarão centenário já estava lá, um tanto precário, mas um casarão rústico muito acolhedor. Piso alto, chão de tábuas, luz a lamparinas, cozinha baixa e de frente para o terreiro, com roda d'água e muitas árvores. Desse modo, em pouco tempo, a fazenda já tinha seu espírito de roça habitada, uma base promissora para futuras produções agrícolas e aumento de famílias.

O baiano tímido no fim das contas, convivendo com ele, deixou a aparência de tímido e, no lugar, entrou um cara chato, folgado, fa-

lastrão. Daqueles retrucadores teimosos, turrões, juntando esta com as vidas passadas, tudo junto. Nas minhas voltas de São Paulo para lá, em feriados ou férias, percebera que a relação, em um ano, entre eles, ou melhor, entre o cabra e os demais nativos, a caboclada mineira e meu irmão Mário, não estava das mais fáceis. Culturas muito diferentes, e um temperamento um tanto desagradável, a rotina foi seguindo com firmeza e liderança, esperando que com o tempo o camarada se enquadraria. Era chatice no baralho, era briga no futebol, era rusga na lavoura e, até mesmo sua mulher e filho, já ambientados no cerrado, já sentiam o peso de seu comportamento. Jamais imaginava traços de violência nele. Era um matuto de cabeça dura e metido a macho. Para isso, todo mundo já dava um desconto e era página virada. Ele me lembrava muito um personagem do livro de John Steinbeck, o Nobel da obra rural norte-americana. *Ratos e Homens*. Ele, desde cedo, para mim já seria um dos ratos. Nesse livro, Steinbeck constrói um capataz irascível, violento com os outros funcionários na colheita do algodão, e adorava infernizar a vida dos quietos, especialmente dos limitados intelectualmente, como foi o caso do personagem grandalhão Lennie Small. Com deficiência mental, o homem dependia de George para sobreviver, um amigo que era como um pai. George falava por Lennie, que era uma criança indefesa. Numa visão metafórica, nos remete à Casa Pêndulo (Capítulo deste livro), em que existem o gigante cego e o vidente paralítico. A dupla tinha esse desenho de comportamento, e a vida no campo, no início do século 20, nos Estados Unidos, também era muito difícil para os braços.

Em três ou quatro anos de convivência, a coisa não estava declarada, mas estava difícil. Ele já havia sido banido do convívio com os outros empregados, e Mário tentava fazer um meio de campo para amenizar os ânimos. Nesses anos, ele conquistara certo grau de estabilidade e de conforto, para ele e para a família dele. Um carrinho bom, casa boa, escola para o filho e alguma participação nos lucros na produção de grãos, criação própria de animais. Em condições normais, uma família havia se ajeitado, estabilizado na vida. Tudo nas aparên-

cias caminhava sob controle, até que Mário começava a perder a liderança e a confiança por conta da demasiada paciência que empregava naquele sujeito. Os demais convivas iniciaram uma pressão para tirá-lo de lá, sem volta. “Ou ele ou nós?” Providências teriam de ser tomadas. Se fosse num barco de pirata, ele seria jogado aos tubarões imediatamente. Não havia outra saída a não ser desligá-lo do serviço. E é o que foi feito em novembro de 1980, se não me engano. Para manejar melhor a situação e não botar o cara do olho da rua, Mário disse a ele que poderia ficar morando ali, sem pressa, até quando arrumasse outro lugar para viver. Exatamente neste ato, por conta desta decisão conciliadora e natural, surge a moral da história, o ensinamento supremo: se o leão morde o tratador, que um deles se vá embora. Se a cobra não é de confiança, despache-a imediatamente. Nos 45 dias seguintes, até chegar o dia fatídico, Antônio deambulava sem objetivo, sem serenidade, macaqueando com os outros trabalhadores, zombando, sorrindo sozinho, estranho como cachorro mordido por gambá.

Natal de 1980, Mário e sua noiva Teodora aguardavam a chegada de meus pais para as festas de final de ano. O casal se casaria em fevereiro ou março de 1981. Os convites já haviam sido distribuídos aos convidados. Teo e Mário conheceram-se na adolescência, antes da faculdade. Namoraram, separaram-se por uns anos e, depois, reencontraram-se para viverem juntos. Ele 25, ela 24 anos de idade. O dia de Natal chegou, a ceia era bem mineira e deliciosa. Rústica e saborosa como o casarão, tutu, couve da horta, frango, feijão novo e arroz velho colhidos ali – feijão novo, recém-colhido e arroz do ano anterior, este é o truque para um maravilhoso arroz e feijão. Bebidas, doces, presentes. Eu e meu outro irmão não estávamos com eles neste fim de ano. Cada um passou em separado com suas namoradas e amigos. Eis que no dia 28 bem cedinho, Mário foi ao curral supervisionar a ordenha da manhã. Chegando lá, avisaram-no que uma vaca de leite tinha ficado para trás das outras, não havia chegado ao curral, como a maioria fazia diariamente por livre e espontânea vontade. Bovinos leiteiros não são como os cães e gatos, mas falta pouco para isso. Com

bons tratos, com carinho e comida, elas são carinhosas e calmas e fazem dos seus movimentos uma rotina – exceto o gado pantaneiro, os nelores e zebuínos apurados, do pantanal e do sertão profundo. Com estes não há negociação fácil, a coisa é bruta.

Mário arreou um cavalo e foi resgatar a vaca solitária no pasto próximo. Seu bezerro já mugia pedindo a chegada da mãe porque os mais novos dormem durante a noite protegidos no curral. Ao chegar ao local da cena, apeou para abrir a porteira, resgatá-la no pasto e trazê-la para junto do rebanho. Foram seus últimos segundos de vida, suponho eu, ao enfrentar de frente seu assassino. Ninguém nunca soube se houve alguma discussão, algum requinte de crueldade, ou se simplesmente ele atirou assim que viu a oportunidade. Também não tenho ideia do porquê as coisas deram certo daquela forma para o assassino. Uma tocaia pressupõe a passagem da vítima pelo local escolhido, e isso, ao que parece, ao que a história conta, a causa de Mário sair ao encalço da vaca era verdadeira. Hoje, sou levado a crer na seguinte sequência. Antônio estava à espreita há dias. Naquela manhã, pôde acompanhar os fatos à média distância. Testemunhou a saída da vítima a cavalo, sozinho, era a hora do bote. Correu na mesma direção sem que ninguém o visse. A essa hora, Mário já havia passado a porteira do pasto e penetrado capim adentro para encontrar a vaca. Na volta, já com ela, apeou para fazer a passagem na porteira e lá se deparou com a tocaia.

Depois do disparo mortal, Antônio desceu na direção do curral feito louco, descarregando a arma no vento ou em quem estivesse na frente. Recarregou-a e foi ter com os tiradores de leite. Estes, provavelmente, já estavam à espera dele, pois o sinal de perigo já começara com seus estampidos campo acima. Alguns correram e outros ficaram para o enfrentamento, um deles deduzira que Mário havia sido atingido. Apeou noutro animal e subiu em sua direção. Antônio acabou por ferir o mais velho deles, o próprio João Canoa, aquele com quem atravessei o rio a cavalo na noite literária. A bala varou seu antebraço, entre o rádio e a ulna. Não foi grave, porém teríamos pela

frente meses de recuperação e de fisioterapia. Disseram que, depois disso, Antônio desceu para sua casa e tratou de ferir seu próprio rosto, para simular uma briga, um rastro de autodefesa. A essa altura, mesmo no fingimento, ele já tinha perdido o juízo. Sentou-se e esperou ali por horas, tranquilamente, friamente, absorto. Deu tempo à polícia da cidade de Patrocínio chegar e levá-lo preso no Fusca da delegacia.

Uma mãe adotiva tão mãe quanto a mãe biológica de Mário, que morreria em 1957. Myrtes tornara-se mãe adotiva de três crianças, casando-se com meu pai, um ano após a morte de Nadir, uma jovem mãe aos 28 anos de idade. Minha mãe? Myrtes, 21 anos de idade, entrou na história da família e seguiu como mãe dos três, e depois de mais dois naturais dela. Em 1961, nascemos gêmeos, meu irmão Antônio e eu. O mesmo nome do assassino. Meu parceiro gêmeo morreria do coração com apenas dois meses de vida. Myrtes e Mário ficariam o resto de suas vidas juntos. Nos 56 anos em família, ela foi a mãe leoa dos quatro que ficaram, até a morte. Nunca senti nem recebi afeto diferenciado por ser o único filho biológico. Nem cada um deles, meus três irmãos biológicos por parte de pai.

Foram esta mãe e este pai os socorristas do filho alvejado. É possível seguir na vida são e salvo depois de enfrentar a cena do crime contra um filho seu? De socorrê-lo quase sem vida, ensanguentado? Um garoto de 25 anos, sem o qual conseguiram viver por mais 33 anos de saudades e dor. Tiraram forças de todos os lugares para tentar salvar suas vidas depois disso. Depois de enfrentar a cena, partiram com ele imediatamente para a cidade o mais rápido possível, numa velha caminhonete, numa jornada de quase uma hora. Nosso Mário pai ao volante, Myrtes na caçamba, abraçada a Mário filho, que, em seus derradeiros sinais, apertava-lhe a mão, em reflexo neurológico, talvez com emoção consciente de despedida mesmo. Veio a falecer uma semana depois, naquela data, no dia em que ela completaria 46 anos de idade, em São Paulo, para onde ele fora transferido dias antes.

A partir desse início de 1981, nossas vidas foram impactadas e modificadas irremediavelmente. O que fazer? Desmontar tudo, am-

parar a noiva, amparar uns aos outros e sumir daquele lugar? Seria o mais coerente, o mais fácil naquele longo período de luto. Quatro anos de realizações e alegrias totalmente reduzidas a pó e a desespero. O ano de 1981 foi o ano que não aconteceu para o núcleo familiar. Projetos, viagens, confraternizações, comemorações, trabalhos, sonhos e expectativas, todos apagados por tempo indeterminado. A fazenda estava sem rumo, semiabandonada, sem os cuidados necessários. Empregados desolados, terra desolada. Algo teria de ser feito, inevitavelmente teríamos de voltar à fazenda para saldar os compromissos e encarar o inevitável, presenciar a situação novamente, lidar com os pertences de Mário. O sentido do nosso regresso era totalmente esperado. Quem? Quando? Só poderíamos dar continuidade às nossas vidas encarando as tarefas, sentindo na pele, voltando para lá. Terra, lavouras, gado, máquinas, casa, uma vida feita em quatro anos, e pelo menos cinco famílias de camponeses aguardando uma decisão de todos e para todos.

Uma tarefa para os dois irmãos, Carlos e eu. Partimos rumo a Araxá em um pouco mais de um mês depois da morte de Mário. Sabíamos que avante viria uma jornada bastante intensa, encarando o serviço bruto que mal conhecíamos. Teríamos serviços urgentes a fazer. Época das águas, fevereiro, época de colheitas do que havia sido plantado em média 90 dias antes. Mário nos entregara a responsabilidade de colher o milho, o arroz, o feijão, e preparar a colheita de café, sempre em maio e junho. Depois de um mês na lida com aquilo tudo, com o jeito de ser da terra, fizemos amigos, tivemos ajuda de muitos deles, e a maioria dos empregados foi mantida em atividade e acolhimento, especialmente aqueles queridos que haviam entrado para a família. Duas crianças daquela roça perderam seu padrinho Mário, meus pais também se tornaram padrinhos de outras delas. Aos poucos, no dia a dia, o trabalho e a vontade de viver tornaram a vida mais serena e mansa. Nem sempre mansa, porque nos vimos com as mãos em armas. Nosso pai e os vizinhos mais próximos nos recomendaram, um 38 para cada um. “Pratiquem o máximo que puderem, quem

nunca atirou precisa de treino”. Ao final de algumas tardes, escolhíamos um pau podre no mato e o usávamos como alvo. Dormíamos com as armas sempre por perto, tínhamos medo do que poderia vir adiante. O matador tinha irmãos, vai saber se débeis como ele. Nosso sono ia embora quando ouvíamos barulho no alpendre ou ruído de carros na estrada ao longe. Certa noite, tão certos de que estávamos sendo cercados por estranhos, abrimos as janelas e mandamos bala pra todo lado. O azedume da saliva, o sangue nos olhos, o arrepio na pele daqueles momentos fica para sempre no presente.

Fizemos de nossa ignorância uma chance de aprender muito, de acumular força e carinho pelo trabalho rural. Apesar das circunstâncias, foram dias de incrível fertilidade e beleza. Em poucos meses, fomos tomando formato na roupa, nos modos, no pensar e na lida com a natureza. Até algumas folgas, passeando na cidade, eram compensadoras. Para um braçal da roça, tomar uma cerveja na esquina da praça da cidade ou no bar do Benê eram regalias valiosas. Peão de roça mesmo só vai à cidade uma vez ao mês. Não dá conta da estreiteza da cidade. Fomos muito bem recebidos pelo povo de Araxá. Passamos a ser conhecidos como os “paulistas do assassinato”, “os paulistas irmãos do Mário”, “o Carlinhos mais o Lu”. Mário Augusto era bom de amizades e de confiança em todas as esferas. Um homem de respeito, fez muitos amigos queridos naquelas bandas e nas outras. Vi fazendeiros idosos, daqueles experientes, sentirem falta dele. Mário sempre dispunha deles para tomar prosa e conselho sobre a lavoura e o animal. Naqueles dias sofridos, a natureza tratou de me confortar. Aprendi a amar o cerrado e a entender parte de seu encanto. Eu ainda, em parte, estou lá.

Tempo adiante, ainda novo, deveria eu voltar a São Paulo para prosseguir na minha formação. Já liquidado o ensino médio, pensava na profissão. Voltei à casa dos pais outro homem. Embora menino, com 19 anos, já tinha a intenção e a capacidade de confortar meus pais e minha irmã Silvia. Carlos resolveu ficar. Fotógrafo de profissão, dali em diante seu equipamento foi ganhando poeira e esqueci-

mento. Essa nova vida acabou por se enraizar ali mesmo. Casou-se com Ana e lá criaram gosto por cavalos e pelo hipismo rural. Esse desfecho trouxe a resposta esperada por todos. Vamos vender ou resistir? Optamos por resistir, por nós mesmos e pelo legado de Mário. Os anos foram passando em direção aos anos 1990. Em tão pouco tempo, muitas histórias se passaram e foram ajeitando nossas vidas. Ingressei na faculdade de Cinema, fui viver um tempo em Londres e mochilar por um tempo na Europa. Misto de mendigo, *hippie*, estudante e louco, ali tive uma das melhores experiências de minha vida. E os primeiros sintomas reconhecíveis de minha doença. Sequelas de uma experiência de perda e de violência? Um elemento? Um disparo? Voltei com saudades de casa, dos grandes amigos (entre os quais os autointitulados *cafajets*), dos irmãos do cinema, encontrei a mulher de minha vida. A esta altura, a qualidade de vida da família foi retomando seu equilíbrio. Poder viver sem receio da alegria de viver, retomar a vontade e os prazeres sem culpa. As chagas em meus pais nunca se fecharam de vez. A fé, o trabalho e o amor as embalsamavam com coragem.

Terminei a faculdade de Comunicação Social, com especialização em Cinema, o início de uma formação acadêmica que seguiria mais adiante, ou para o resto da vida, como de fato aconteceu. O Cinema tornara-se uma paixão que nunca mais sairia da minha vida. Por mais de 30 anos, mergulhei em seus dispositivos. Sequestrou-me. O fato é que tive de voltar ao cerrado logo em seguida. O magnetismo apontava meu coração na direção de Minas para me juntar ao irmão Carlos novamente. Em 1986, Adela e eu nos casamos e fomos para o mato. Uma parceira paulistana rara para uma jornada como esta. Um intervalo para as artes? Um conchavo entre Apolo e Tupã? Um labirinto criado por Gaia e Artêmis? O Espírito do Trovão dando-me uma missão de regresso? Naquele cerrado rupestre, seria mais provável aparecerem Tupã, Jaci e Guaraci, deidades brasileiras, sob a grande sombra do Pau D'Óleo, ou Árvore do Óleo, um lugar sagrado meu.



Figura 1.2 – Árvore do Óleo, Fazenda San Jerônimo, 1988. Fonte: Foto de Luiz Otavio de Santi.

Em tudo há uma sequência narrativa a ser encontrada, inventada, descoberta, e ela será escolhida para criar um texto apropriado para a vida, assim como para o texto escrito. O que vem antes e que vai depois? Qual a lógica do pensamento, qual a ordem das coisas? Sempre há um texto não necessariamente lógico, mas intuitivo, emotivo, para a assunção da jornada. Nesta situação, o Espírito do Trovão fez vibrar as minhas dimensões. Foram quatro anos valendo por 10. De 1986 a 1990, muitas águas passaram por debaixo de nossos pés, uma enxurrada de conquistas e de decisões das mais importantes. Nesses quatro anos, convergiram várias formas de viver e de morrer. Houve luto, houve sofrimentos, recordações, muito trabalho e dedicação, especialmente na convivência com gente das mais puras naturezas e índoles. Pessoas daquele cerrado rupestre tinham seus corpos morenos, suas feições indígenas, mestiçagens de vários matizes. Corpos habituados na resistência muscular, no faro aguçado, na visão acurada, na prosa lenta. O mundo já é pronto para a maioria deles. O sistema de produção agrícola que implantávamos era além da conta,

como dizia o outro, frase bem mineira. Para o povo do cerrado, nativo e criado, enrugado e liso, matuto caloso, na vida se produz somente o que é necessário. E o trabalho começa e termina quando o sustento já foi garantido. Produção é um nome de metrópole, é um feitiço de mercado maior do que a natureza. O povo entende, mas não crê. A junção das duas culturas foi um entrosamento lento e desejado. Um pouco de ciência com um tanto de conhecimento empírico, mais um tanto de métrica e lógica com um pouco mais de observação dos sentidos e da memória.

O diálogo foi se ajeitando, no final aprendi mais do que ensinei. Carlos e eu, Ana e Adela, passamos a maior parte destes quatro anos juntos, tanto na divisão do trabalho como no lazer sempre ligado à natureza. Natureza rupestre tão dominante, imensa, aquela que vai dos ovos fartos chocados no vão entre as constelações e o calor do terreiro de pó batido. Carlos e Ana já haviam produzido seus dois filhos, Luiz Fernando e Pedro. Na nossa vez, foi a vez da natureza pedir e intimar. Produzimos neste período uma filha e um filho, Luísa e Leonardo, ela em 1988, ele, 1990. Fazer filho não é nada difícil. Sei que os nossos vieram no cio daquela terra. Talvez este um dos chamados de Gaia e Tupã. Adela e eu incorporamos a força do ciclo circadiano de todos os seres vivos e daquele lugar, com a vontade de germinar sob o ritmo das lavouras e da força lasciva dos animais. Éramos jovens e nada era preciso ser dito.

Depois de oito anos da morte de Mário, inicia-se outra fase. Para nós e para um ciclo que parecia terminar. Ficamos nós, eles se foram. Nos últimos dois anos Carlos e Ana foram construir seu próprio negócio. Leite e cavalos na cidade de Franca, não muito longe dali. Animaram-se com a lida dos animais e uma cidade com maior oferta de escolas para os filhos. Nestes dois anos finais, Adela e eu trabalhamos muito, dedicação total ao projeto iniciado por Mário, e que agora eu vestia uma camisa sua. Seguimos no serviço leiteiro e nas lavouras. O mais custoso deles, como diz o mineiro – custoso de difícil – era a cafeicultura. Mexer com aquele trem não é para qualquer um, muito

menos com as intempéries, a mão de obra e o mercado dominado por oligopólios. Resolvi desenraizar, liquidar os 200 mil pés de café e ficar nas lavouras brancas e com o gado. Readaptamo-nos ao velho jeito caboclo de fazendar. Isso significava imitar os vizinhos que ali nasceram e que fazem um bom arroz com feijão sem grandes aventuras. A coisa é simples, não inventa muito. Voa com o pardal, não sonha com a andorinha. Foi o que aprendi e tratei de implantar o jeito do cerrado, esse seria o caminho mais conservador. Talvez, se vivo, Mário teria arriscado mais, produzido mais com certeza, variegado com as vocações daquela terra, vocações que eu não saberia ou não poderia ouvir à época. Meu sistema parte do espírito do simples e objetivo, menos é mais. Perdendo menos já é um ganho. Vida barata de quem guarda tem. Não deu errado nem deu muito certo. A fazenda ia se sustentando na medida em que não dávamos grandes voos e, por isso mesmo, sem arriscar, a vida ficou limitada e simples demais.

Passamos a sentir, Adela e eu, o tempo na pressa dele e a gente formando calos nas mãos. Era isso que realmente queríamos? Do sentido chamado de início, já havíamos cumprido nossa missão? Filhos, vida difícil do campo, intermináveis crises políticas e econômicas. O fatídico e destrambelhado Plano Collor, em 1990. Inflação a 2000% ao ano, o dinheiro sumiu de nossas mãos. Quando digo dinheiro não é um lastro vivo guardado no banco. Falo de dinheiro para comer, comprar gasolina, medicamentos. Um desastre. No fim, sentíamos-nos sós, felizes, mas sós. Percebemos que estávamos longe das pessoas queridas, da nossa cultura de origem. A nossa participação no ciclo Mário Augusto havia completado 10 anos e era chegada a hora de tomar uma decisão. Queríamos terminar a vida ali? Cumprimos a jornada começada por Mário e meu pai, e agora seria a hora de fechar o buraco daquela bala? Prevaleceu a ideia de partir. O chamado apontava para o centro de origem agora. O Espírito do Trovão nos devolveu à Palas Athena e às origens. Adela queria criar filhos em São Paulo e, como psicóloga, queria voltar a atender seus pacientes, recomeçar a carreira.

Em meados de 1990, vendemos a fazenda a dois empresários sócios de São Paulo, com quem criamos afeto e amizade. Eles queriam algo mais próximo para investir na pecuária, atividade que já faziam em Mato Grosso, bem mais longe. Encantaram-se com o lugar e para eles entregamos o legado. Meu pai e minha mãe, no fim, viram nesta decisão uma forma de se despedir pela última vez do cerrado e do buraco daquela bala. O projeto deles havia terminado nas minhas mãos e no coração de todos. A história durou 14 anos, 10 deles sem o protagonista. E assim, foram-se a San Jerônimo e o rio Quebra-Anzol. Soubemos depois da construção de uma barragem rio abaixo, distante. Como consequência disso, nosso Quebra-Anzol encheria pelas bordas, tornando-se um rio mais lento e manso. Prevaleceu a hidroelétrica sobre o meu rio literário. Um ano e meio depois voltamos a passeio. Quisemos passar por ali sem encontrar ninguém, sem pedir licença nem nada. Alguns minutos e nada mais, além de entrar por debaixo da sombra frondosa da Árvore de Óleo, o Pau D'Óleo e ficar um pouco com ela.

Pau seco, galhos secos, árvore morta. Fóssil, cadáver óleo de baleia. Nossa árvore partiu conosco. Nosso ciclo encerrara-se ao mesmo tempo. No lugar, um pasto liso com a ausência da majestosa árvore. Choramos? Claro que sim. Despedimo-nos e seguimos viagem poeirenta afora. Antônio morreu na cadeia depois de sete anos em detenção, e não foi de doença, foi de morte matada em desavenças com outros. Visitei-o na prisão, entrei no cárcere, parei diante da porta de sua cela. Ele me viu e ficou imóvel, olhando o vazio à sua frente. Mudo, débil. O carcereiro me puxou pelo braço e por bem me retirou de lá.

Quase todos já morreram. Myrtes e Mário se foram no mesmo ano, em 2013, parecendo combinar a ida para do lado de lá para encontrarem alguém. Sílvia, nossa irmã, morreu do coração em 2019, fumante inveterada. Os empregados, os queridos caboclos literários da minha vida, estes quase todos, se não todos, já estão mortos também. Os animais todos já se foram. Se perguntarem em Araxá quem foram os paulistas irmãos do Mário, ou quem foi Mário Augusto,

ainda deve haver alguém vibrando na mesma frequência que a nossa. Com certeza, ainda há. A história toda está escrita indelevelmente naquele céu imenso. Se me perguntassem o que é a vida, eu, no chiste, faria dela, entre outras, uma metáfora com um filme de faroeste, de banguê-banguê. Recordar-se deles? O tempo deles já passou. Você os conhece? Quando assistimos a um filme com cavalos e *cowboys*, provavelmente os cavalos e os atores já se foram, mas o filme ficou com alguém. A vida é assim, passa rápido, os cavalos correm de um lado para outro. Deixam aos seus descendentes suas imagens na paisagem e na poeira.

A vida tem sentido, tenho total convicção. Quando não faz sentido, é porque o texto não proseia, está dissonante, no desafino. A criação e a afinação são a mãe e o pai do sentido. Criar, produzir, faz todo o sentido de estarmos aqui. E, neste movimento, há de se ter coragem e aceitar as quedas e as perdas. Eis o sentido da vida para mim. Ter consciência de que somos narrativas, um texto de passagem que vai sendo lido enquanto escrito ao mesmo tempo. Você e eu damos sentido a ela.

Esta narrativa da casa de fogo esteve, está em meus espaços da memória desde 1990. Nunca havia registrado nada a respeito dela, com exceção de um único poema dedicado às pessoas daquele tempo. Sabia que em algum momento, esta história encontraria seu espaço coletivo por meio de alguma linguagem. Filme, livro, peça, música. Este momento acontece agora, da minha casa para as nossas casas. A força maior de um texto não ficcional, pessoal, histórico, sobressaiu às demais possibilidades estilísticas e estéticas. Esta é a realidade dos fatos tão poderosa em nossas vidas. A história de uma obra pode esperar o seu tempo. Parte significativa do que vou contar e pensar a seguir certamente nasceu de vivê-la num cerrado de fogo.

Casa pandêmica

Daqui para dentro, boa parte de todo o nosso encontro foi feito em isolamento social. O mundo todo, ou quase, com ruas vazias, equilibrando um inédito distanciamento social, com ou sem o uso de máscaras no rosto. Em ondas de fecha e abre, com mais ou menos restrições sociais. Você viveu isto também, provavelmente. Mais solto ou mais preso, mais medrosa ou menos assustada, alheio ou atento, de alguma forma este fato esteve presente – e está presente – na vida de pelo menos três gerações de pessoas ao mesmo tempo e terá durado por um bom tempo. Se você não sabe de nada do que estou falando, é porque este texto está sendo lido num futuro longínquo. Um fato histórico só não tão marcante quanto a possibilidade de uma terceira guerra mundial, agora atômica, quanto à queda de um meteoro gigante vindo do espaço ameaçando a vida na Terra. Ou um tenebroso ato terrorista afetando em cadeia a vida de uma forma trágica e duradoura, bem pior que o famoso 11 de setembro de 2001. Torres Gêmeas em Nova York, um terrível ensaio local se comparado a esta angústia global do ano de 2020 para frente. O próximo ou próximos atos de fanáticos poderão vir em forma de vírus também? De ataques por *hackers* na internet apagando as luzes do mundo? Quebrando as bolsas de valores pelo mundo? Causando sede e fome para bilhões de pessoas?

Estivemos sob a influência da maior pandemia do século 21, talvez a maior pandemia da história da humanidade até o momento, causada pelo novo coronavírus. Novo, porque já havia outras cepas

de corona conhecidas, infectando humanos num passado recente e ainda circulantes pelo mundo. Ele entrou nesta família por ter características semelhantes aos primos, pelo aspecto de pequenas coroas em seu corpo. Portanto, num lapso incoerente de tempo literário, estou falando com você quando estava em pleno isolamento social, em distanciamento social. Ou estamos todos livres agora e o isolamento pandêmico já passou e eu lhe digo que escrevi isto quando fechado em casa. A ordem foi ficar em casa por tempo indeterminado e evitar contatos uns com os outros. Isolamento domiciliar. Os mais sensíveis como eu pudemos sentir na pele o que é ser um elefante num zoológico, ou todos os bichos presos num zoológico. Você já sabe disso? Você ficou também? Sentiu na pele? Você tem ciência sobre tudo o que aconteceu, acredito que sim, em boa parte desta história.

Demorei a iniciar este texto, este memorial de futuro, num retiro granjeiro, de pandemia poética, de prosa confinada, ou, enfim, de memórias em um exílio privado. Chamemos como for, como cada um inventar. A demora se deveu essencialmente ao medo, ao incerto, ao meu abalo diante do fato historicamente inusitado para todos os seres deste mundo. O que fazer? Que rotina terei, tive? Minha casa meu castelo? Meu hospício? E meus medicamentos? Os terei? Chamo meus amigos vizinhos e médicos e seguro-me neles: você está aí? Estamos bem? Vamos tomar um porre? Você me ajuda na receita médica? Temos ópio, vinhos, calmantes, álcool? Nem sei se preciso deles, mas temos? Vamos ter insônia? O que você sabe desse troço? Vamos caminhar juntos na rua? Vamos nos ver de perto em breve? Não? As dores no corpo apareceram. Coluna, pescoço, tensão. Musculatura num tônus de guerra. Percebi que todos os amigos e familiares também estavam atônitos e prevenindo-se do que viria e tomando o máximo de informações. As redes sociais inundadas com mensagens de todos os tipos. Trágicas e cômicas, de tudo.

O governo brasileiro esboçando os primeiros passos de discórdias e do calor das vaidades, emolduradas pela frieza e pela idiotia dos seres políticos de plantão. É normal e saudável haver divergências

de opiniões sobre como combater uma pandemia no meio científico e político, mas jamais agredir o bom senso com atitudes que promovam uma divisão insana e irascível junto à população que sofre. Essa foi a atitude do presidente brasileiro atravessando toda a parte crítica da crise, em minha opinião. Livros e estudos sobre este assunto, a política e as ações do Sr. Presidente frente à Nação durante a pandemia, certamente, viverão para o futuro analisar melhor este teatro infeliz da mentira e de violência. Enquanto o número de mortos aumentava, enquanto muitos profissionais da saúde davam suas vidas para a causa, o gabinete presidencial se mostrava em outro mundo, envolvido em politicalhas fascistoides, com extremo despreparo e ignorância, voltadas ao recrudescimento do poder com a mais anacrônica polarização ideológica. Desta forma, sigo na minha trilha.

Meus filhos? Amigos? Como estarão? Ah, tecnologia, a grande tecnologia nos aproxima ao menos. É rotina diária saber e ter os mais próximos nas telinhas, na voz, na imagem, no texto. Abraço. Abraço. Ninguém se encosta. Não pode. Não se deve. Tocar, que falta faz tocar. Não tocar é mortal. A pele sente, o cérebro entende e desentende-se. Para ele, é precioso o tocar. Eu sei. Eu sinto. Por isso demorei a iniciar este livro. Um mês desde o primeiro isolamento? Sim. Meu isolamento começou em 15 ou 19 de março, por estes dias, pois posso recordar que ainda atendi uma paciente no dia 18 de março com acupuntura. Ela sentia dores nos braços por conta de uma cervicalgia, e tentamos lidar com a distância reservada publicamente naqueles dias, que ainda eram menos restritivas do que as que vieram logo em seguida. Ficamos sem beijos e sem abraços naquele encontro (abraços viriam a ser dados somente em mensagens de texto). Ela se mostrou menos preocupada que eu, dizendo – “pra quê isso? Acho exagero..., fazer o quê?” Depois disso regressei à minha casa desde então. Casa que virou caverna, proteção cavernícula estilo homens das cavernas. O trabalho profissional cessou praticamente, com data de retorno completamente indefinida. A adaptação trouxe a mim os esperados sintomas de ansiedade, de medo, de leve insônia e espe-

cialmente um ressurgimento das flutuações do TOC – transtorno obsessivo compulsivo – que carrego comigo desde a adolescência – voltarei a esse assunto mais adiante, dada a sua importância para mim e para muita gente. Portanto, criar, decidir se sentar com determinação para escrever um livro num tempo como este não é uma tarefa tão confortável. Há muita energia envolvida, muita exposição, disciplina, saúde e especialmente vontade. Ser escritor é outra coisa, digo escritor de ficções, poesias, romances.

Isso é para mais outros poucos dotados de talento literário daqueles que, com pandemia ou sem ela, a vida deles é literatura pura, na veia. No meu caso, eu me comunico. E assim tentei digerir uma vontade de transformar parte do meu ócio em ofício, em letras, para me ajudar e, quem sabe, ajudar alguém. Por isso, de 18 de março a 5 de abril, mais ou menos, eu me transformei num lagarto amedrontado sob o sol ou sob um buraco na terra. Digestão, providências pendentes, sair ou não sair, eis a questão. Sou de risco? Nem tanto. Mas e a renda mensal? O que fazer? Até a Terra parar de mexer, foram dias de acomodação. Dormia em quartos diferentes a cada noite na casa, revezava os banheiros diferentes da casa para tomar banho. A casa e o quintal se transformaram num cadeião privado. Angústia num dia, sensação de conforto em outros, aceitação em uns, transtorno de ansiedade em outros.

Assim, que livro, que produção resiste a isso? Recordei-me do Holocausto. Das guerras e dos êxodos e diásporas planetárias em nossa história, que, aliás, é permeada por essas tragédias. Nesses dias, nem sonhava em produzir algo, como alguns seres iluminados conseguem, mesmo sob tensão extrema. Alguns judeus compositores conseguiram deixar suas partituras escritas em campos de concentração. Elas estão entre nós até hoje. A música deles sobreviveu. O nazismo não. O maestro italiano Francesco Lottoro passou boa parte da vida recuperando partituras compostas em campos de concentração nazistas da II Guerra Mundial. O Brasil o recebeu no final de 2019, regendo a Jazz Sinfônica Brasil com uma seleção daquelas obras.

Dia 1 de abril de 2020, segui me adaptando a uma rotina inédita na minha vida, no meio da guerra contra o vírus, isolado, sabendo de quase nada sobre o assunto. Aliás, na verdade, ninguém na face da Terra tinha (tem?) uma noção consistente, nenhuma certeza do que estava acontecendo, sobretudo sobre a natureza da doença causada por ele, os dados clínicos, as experiências clínicas e os tipos possíveis de tratamento. Nem o mais experiente cientista e sua equipe de pesquisa tinham alguma condição de dizer: o caminho é este, vai acontecer isto! Conhecemos esse vírus e será assim! É assim que começa nossa história aqui. Talvez até hoje, lendo-se este livro, não se saiba muita coisa sobre esse minúsculo intruso e como surgiram as primeiras infecções e, até mesmo, sua real origem. Laboratório? Natureza? Cruzamento sociocultural entre humanos e animais? Começou na China? Quero crer que a transmissão “zero” ocorrera em meio à cultura alimentar humana que inclui animais silvestres.

Para saber sobre o assunto da tão falada pandemia, não é nada difícil para ninguém. Os dados estão à mão, a qualquer momento disponíveis na internet, é só clicar e buscar, e lá estão. Milhões de páginas para quem quiser. De forma que me dispense de apresentações detalhadas. Com certeza, um fato, de enorme importância e magnitude, ocorrido na história recente do Planeta. Penso eu que nunca se falou tanto de um tema só por tanto tempo nas mídias. Meses na mesma tecla, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Um oceano de matérias para a imprensa criar e documentar à vontade em várias plataformas simultaneamente. Bilhões de pessoas em casa, espectadoras, ouvintes, testemunhas, ligadas no assunto e também produzindo, criando um número incontável de informações audiovisuais e textuais. Muitas delas, mas muitas mesmo, adoecendo por conta da situação, piorando seu estado de saúde, apavorando-se com a necessidade do isolamento social, abatendo-se física e emocionalmente – as duas coisas juntas – por conta da inédita situação viralizante.

Uma guerra mata muito mais gente, comparando com este momento. Não sei o que virá adiante. As guerras, como fruto da pior

faceta humana, sempre é e será o fato mais horroroso de nossas histórias e ela nos acompanha desde os primeiros momentos das civilizações. Mas um vírus? Uma pandemia? É algo invisível e nem se sabe, como dizem, se é um ser vivo ou não. É uma coisa minúscula que invade nossas células, multiplica-se dentro delas e espalha-se como poeira no ar. Um “antronauta”¹ que explora nossos organismos e dissemina-se com muita eficiência pelo mundo afora por intermédio dos organismos humanos. Somos suas naves, somos seus planetas, seus veículos. Será que há alguma consciência nesses seres minúsculos? Será que há algum propósito consciente – aliás, todo propósito deve ser consciente – nesta criatura replicante, nestes incontáveis clones covídicos? Parece-me uma brincadeira cogitar uma coisa dessas, mas a Natureza é tão surpreendente e desconhecida ainda por nós, que eu sinceramente não duvidaria. Um vegetal pode ter algum tipo de consciência, por que não um vírus? Talvez, pensemos juntos e viajando, até nós poderíamos ser um vírus ou uma bactéria vagando, habitando este planeta ou além dele, não? Que referência temos para não divagar?

Será que algum ser humano ficou de fora deste acontecimento? Será que alguém passou este período sem saber o que acontecia? Talvez sim, algumas comunidades (indígenas, esquimós, nômades?) isoladas do chamado mundo globalizado tenham sido algumas centenas, alguns poucos milhares de pessoas alheias aos fatos pandêmicos. É provável, ao menos durante o período crítico das infecções. O que não é nada perto dos outros oito bilhões de seres antenados, interligados pelo evento planetário, dos grandes centros aos mais remotos recantos do mundo. Portanto, quase todos nós, humanos, tivemos pela primeira vez na nossa história uma experiência pandêmica tão ampla, simultânea e veloz como esta. Em tamanho e proporções descomuns até aquele momento, início de 2020, a civilização global

1 Trocadilho com astronauta. Um antronauta viaja dentro do prefixo *antro*, do grego, um ser humano.

produziu estatísticas, gráficos, imagens, mapas, vídeos, praticamente em tempo real, uma massa de conteúdo sobre um assunto só: o novo coronavírus. E no caso, esta civilização global significa, em nossa era, um rio gigantesco formado ao mesmo tempo por um único indivíduo e um país inteiro, por exemplo, cujos processos de criação e de transmissões são formados por uma rede simultânea sem limites, ubíqua, quer dizer, sem lugar definido, ou em todos os lugares ao mesmo tempo. Uma trama imensurável de comunicação produzindo bilhões de páginas de informação por dia, talvez por hora. Bilhões delas, principalmente, de forma eletrônica, você sabe – afora os milhões de toneladas de papéis impressos em jornais, livros e outros suportes de comunicação. Por alto, neste período, o uso da internet cresceu mais de 50%, ou seja, outra metade de bilhões a mais de pessoas navegando 24 horas ao dia quando comparamos ao uso diário sem a pandemia.² São bilhões de usuários a mais por hora/dia e ou os mesmos usuários muitas horas a mais em suas rotinas.

Mas é inegável que as páginas/posts da hora são feitas de luz. Você é um criador delas. Digo mais, você está tão envolvido com o mundo digital que parte de você é digital também. Seu cérebro está ligado nisso, seu corpo, sua mente, seus pensamentos e sonhos. Somos feitos de linguagens e com elas nos manifestamos. E esta inteligência eletrônica, artificial, digital que circula pela internet já é parte de nós. Todos estamos ligados por essa energia de palavras, sons e imagens que fazem de nós, humanos, as criaturas dos símbolos, das ideias, dos e-mails, de tudo o que é codificado em linguagens. Este assunto, este universo maravilhoso das linguagens, talvez virá mais adiante.

Pelo que sei, os vírus são muito mais antigos do que a humanidade. Estão aí há milhões de anos, talvez bilhões. Muitos deles matam pessoas todos os dias. Mas a covid-19 se mostrou muito eficiente na capacidade de contaminação das pessoas sem ser muito letal. Não é

2 www.weforum.org/agenda/2020/03/will-coronavirus-break-the-/internet. Acessado em 23 de março de 2020.

mortal para a maioria das vítimas nas quais se aloja. A porcentagem de morte não é tão alta como a do Ebola, por exemplo. E por isso mesmo se espalha facilmente, porque a pessoa infectada, a maioria, vive normalmente e segue a vida como um agente “espalhador”, um disseminador do coronado microscópico.

MINHAS ATIVIDADES QUARENTENÁRIAS 1

Leituras, meditação, todos os dias caminhada, filmes, manutenções da chácara, escrituras, estudos de acupuntura, vinho, cerveja, às vezes, muitas cervejas. Prazeres, sofrimentos mais ainda.

A meditação de que mais gosto é o *Vipassana*. Estilo de meditação ligado ao budismo *Theravada*, oriundo do Sudeste Asiático, Myanmar, Tailândia. De língua pali, de cultura mais simplificada e popular do que o sânscrito, essa meditação é muito simples, direta, mas não muito fácil de se incorporar à operação, de senti-la na verdade. Não há mantras, não há ensinamentos nem ritos para essa atividade. Vive-se nela corporalmente, a prática acontece de forma direta. Em suma, o meditador concentra-se nas sensações de seu próprio estado psicofísico, fazendo uma espécie de escaneamento em todo o contorno corporal, da cabeça aos pés e vice-versa. A ideia é não reagir às sensações ruins nem às boas. Somente observar com neutralidade a passagem e a impermanência delas. Como o próprio mestre Goenka fala, apenas devemos observar as aversões e os apegos que nos acometem continuamente. Conforme se caminha no treino, a duração pode chegar a uma hora por vez ou mais. Em retiro iniciático num Centro Vipassana, medita-se oito vezes ao dia, por 10 dias em completo silêncio individual e social nestes dias. Também o Anapana, a atitude de atenção plena à respiração, é muito exercitado. A ideia central do *Vipassana* é tentar, a longo prazo, eliminar condicionamentos mentais que podem dificultar o bem-estar, causadores de hábitos nocivos, sobretudo a busca obsessiva por felicidade como um dos hábitos mais nocivos que existem. Repare nisso. Vivemos intensamente

a busca por fugir da dor e encontrar a felicidade perene. Existe isso? Voltarei a esse assunto mais adiante, em detalhes.³

No domingo, 19 de abril, mais um dado a registrar na história brasileira, especialmente neste momento de pesar e luta pelo qual passam a nação e os doentes: o Presidente da República saiu às ruas em carreata apoiando o fechamento do Congresso Nacional e a volta da ditadura militar. Um dos efeitos colaterais das desavenças com o Congresso e com Rodrigo Maia, Presidente da Câmara dos Deputados. Além desse tipo de movimento antidemocrático, na pauta dos insatisfeitos também havia a intenção de flexibilizar o isolamento social em função da retomada das atividades econômicas. O mundo inteiro escolheu e praticou algum tipo de bloqueio, o *lockdown*, ou o isolamento e o distanciamento social horizontal – *stay home* – com rigor e determinação, como forma mais eficaz e praticável para que o sistema de saúde e os profissionais da saúde pudessem suportar a demanda por socorro dos infectados e dos demais pacientes com outras doenças e urgências do dia a dia. No Brasil, alguns, inclusive o líder político do momento, preferiram fincar pé num embate irracional sem mostrar alternativas possíveis para o problema. Creio que naquelas manifestações isoladas e sem peso, havia, essencialmente, pessoas de classe média, média alta, muitos deles empresários protegidos em seus carros, irados em palavras de ordem bem específicas: “Operários, empregados, voltem ao trabalho!” E, assim, neste momento de sofrimento da população frente à pandemia e suas consequências na economia, mal posso acreditar na indiferença e da pusilanimidade do Presidente da República diante dos fatos. Mais ainda, o que testemunho são sua ausência e omissão diante do colapso do sistema de saúde público que se apresenta a cada dia. Seus interesses pessoais expressos e documentados pela imprensa nos mostram uma pessoa perturbada, violenta, antidemocrática, tratando a presença do vírus

3 Veja algumas informações sobre o *Vipassana* no link <https://santi.dhamma.org/pt-br/#c60215>.

em nossas vidas como uma fatalidade da natureza, indiferente aos desvalidos, a todos, e especialmente focado em dar energia e força para o crescimento de sua política fascista. Será uma atitude baseada em sua religião? Será que ele pensa como evangélico que é, que a covid-19 deve ser vista como doença comum e que o “carma” de cada um é responsável pelo próprio destino frente à pandemia? Parece-me que sim. Se não for uma resposta de cunho religioso, então, como ele mesmo aponta, a Economia é a rainha da vida e deve prevalecer sobre as vidas humanas? Portanto, se o sistema de saúde geral do Brasil não atender a todos a tempo, morrer em casa ou nas ruas será normal? Nesta data, já ouço que milhares, muitos milhares poderão padecer diante da falta de atendimento, de falta de leitos e falta de oxigênio. Hospitais de campanha foram montados pelo Brasil afora, mas será que daremos conta de, pelo menos, tentar salvar a vida ao máximo? Governos estaduais e municipais têm demonstrado autonomia nas ações preventivas e no atendimento, na contramão da vontade do líder federal. Também há no momento enorme preocupação com as comunidades carentes e ou faveladas das grandes cidades. Não posso imaginar o que acontecerá daqui para frente com elas sem alguma ação rigorosa de cuidados preventivos. E nossa população indígena? O vírus chegará nas inúmeras aldeias mais próximas da civilização? E sobre as tantas outras ainda isoladas dos “brancos”, sem contato com outro ser humano diferente deles próprios? Isso parece coisa de filme, mas não é. Ainda existem várias, talvez muitas isoladas, creio eu. Que eu saiba, são seres muito suscetíveis, etnias muito frágeis para qualquer tipo de contágio com doenças exógenas, de fora, trazidas pela vida industrial e metropolitana. Não tenho ideia se nossa Funai, nas mãos desse novo governo, ou de nosso Estado mesmo, o chamado país Brasil, que chegou depois desses povos, está tomando providências para defendê-los de imediato de garimpeiros, madeireiros e posseiros. Eu, aqui no meu modesto gabinete, trocaria de imediato, deletaria, rasgaria tudo isso se fosse um pouco mais moço e a oportunidade surgisse. Permita-me trazer estas observações bastante

sinceras, caso você não tenha a mesma opinião que a minha sobre este político e seus seguidores próximos, assim como sobre o estilo dele e suas atitudes patéticas. Isso fica por conta da minha preferência em colocar a vida acima de tudo, na contramão da indiferença em relação à morte e aos sofrimentos alheios. Assim foi a imagem que tirei dos fatos.

Confinamento 1

E eu aqui me esperando
Em casa, sem asa
Comida na mesa
Sem falta de nada
Preso no tutano do osso
Como se em minha casa
Eu estivesse no fosso
Tenho livros
Tenho músicas
Amigos e musas
Roupa de cama
Longe da lama
Quarentena de fama
Será que chupar cacto é bom?
É doce e salva imunidade
Pobre não parece humanidade
Existem sede e fome?
Sim, triste espinho infame
Que um vírus venha dar sabor
Nas entranhas do cacto um saber
Sentir como a boca suga sem nome
Que ali nem vírus deve entrar
Se entrar, deveria morrer de fome
Porque o nordestino não é fraco na vida

Mas aqui, o vírus é que é forte
Índios? Que suas coronas de penas lhes deem sorte.

Poema inspirado na foto de Sebastião Salgado, na qual dois adultos e três crianças e um cachorro estão em cena, cortando cactos na Caatinga para matar a sede. Foto bem conhecida. Uma cópia, na minha frente, emoldurada na parede do meu escritório.

Casa nossa: onde, que, como

Fique em casa, frase da história mundial do ano. Verbo ficar, página 1.336 do dicionário Houaiss, item número 9, predicativo, intransitivo: “Manter-se vivo, não se extinguir, subsistir, remanescer, restar”.

Em muitas das línguas vivas de hoje, suponho eu, esta frase deve ter sido falada, lida e escrita num período concentrado de tempo. Uma senha mundial poliglótica. De tantas delas, milhares, talvez essa frase tenha alcançado algumas das línguas mortas, como o copta e o latim, tamanha a urgência. Fiquei na minha casa. Se eu pudesse, ouviria a sua história, saberia da sua casa, do seu tempo vivido em casa durante os dias duros do confinamento por conta da pandemia, do grande aprendizado que nos exigiu muita calma, paciência, resiliência e solidariedade. Quantas histórias! Quantas histórias vividas intensamente e com tantas maneiras diferentes e intensidades diversas, com tantos fatos e consequências que não dá nem para imaginar o tamanho deste universo. Em tão pouco espaço de tempo, de calendário, tantas situações, alegrias, especialmente sofrimentos, passagens, mortes pelo vírus, mortes naturais, acidentais. E nascimentos? Nesta hora, não ouço falar de nascimentos, de mães e pais curtindo as novas chegadas. Um extrato muito intenso de acontecimentos em torno do assunto central para a humanidade neste período.

Manter-se vivo depende de inúmeros fenômenos. Nada de novo, se um deles faltar, apenas um, não remanescemos, não vivemos. O ar, por exemplo, é o mais primordial deles. Somente um entre inúmeros elementos interdependentes. Entre outros, ter uma casa, estar numa

casa, de preferência, é parte essencial da sobrevivência. Vive-se sem – que o digam os sem-teto –, mas casa é praticamente sinônimo de vida. E quantas casas! Falamos da casa de paredes e telhado? Sim, esta é a casa, este é um dos mais fáceis objetos e um dos primeiros a serem desenhados por uma criança, e passamos a vida toda cuidando das nossas. Sinônimo de lar, de acolhimento – *home*, casamento, união, encontro, vida, criação, procriação, herança, segurança.

Mas vivemos em mais de uma casa. São várias delas sem que notemos as maiores, as colossais, sem as quais não haveria casa nenhuma. O Universo é nossa casa? Ou nossa casa está nele? Resposta difícil. Se houver mais de um universo, como citam alguns teóricos, facilita a resposta. Se houver somente este, *quase infinito*, imensurável racionalmente e em expansão, fica mais fácil. Ele é a casa maior. Estamos neste. Em algum ponto inimaginável, mas cá estamos.

Nessa carona toda, nessa matéria escura e energia toda e sem fundo, nem alto nem baixo, nem norte nem sul, que expande 15 quilômetros a cada segundo, nossa galáxia toda, a Via Láctea, num conjunto só, viaja por este cosmos a 800 mil quilômetros por hora. Como dervixes, giramos entre o dia e a noite a 107 mil quilômetros por hora ao redor do Sol, centro de nosso sistema caseiro mais próximo, sob a eterna força da gravidade, como se grudados numa atiradeira buscando a testa de um Golias, girando no bojo de um bodoque centrífugo em aproximação com outra casa extremamente longínqua, mas a mais próxima de nós: a galáxia de Andrômeda, a 2,5 milhões de anos luz de nós.¹ Números incríveis? Demais. Para mim, uma das sensações racionais mais interessantes de todas. Saber, tentar sentir isso na pele e no sonho é uma das aventuras mais ampliadoras da mente e do corpo. daquelas inúteis, como toda poesia, mas profundamente necessárias para programar o que faremos nessa vida e onde o faremos. Em casa? Na vida e na morte, fazemos esta meditação sensitiva de que nossas casas estão girando como átomos? Vibrando no espaço como

1 Se necessário, ajustem-me, astrônomos e amantes do espaço!

poeira na ventania? A sensação de estabilidade, de falta de movimento, de horizonte alinhado com o céu, de geocentrismo, de enraizamento definitivo, tudo isso entra em suspensão quando conhecemos a real dimensão das coisas e de nós mesmos. As quatro maiores forças da natureza que conhecemos – a gravidade (a mais reconhecível delas), a eletromagnética, as nucleares fraca e forte – regem nossas vidas. E com elas estamos aqui com a sensação de matéria densa e estável de nossos corpos, dos objetos e tudo que nos cerca. Sem a gravidade... não conseguiríamos nem sequer tomar um gole d'água!

Sem ela, não existiria luz, planeta, não ficaríamos em pé no chão e, mais do que tudo, nossos corpos se desmanchariam no ar como vapor! Não haveria coerência na manutenção da matéria como a conhecemos. Nosso sangue, músculos, células, tudo reunido pelo fenômeno da gravidade. Se somos feitos de átomos, quão bela obra, quão magnífica estrutura vivente é esta que nos faz humanos conscientes. Separados, átomos, células, carne, ossos, não viveriam por si, a não ser nesse conjunto de matéria reunida, engajada, consolidada pelas forças da mãe cidade universo, da mãe bairro galáxia, da mãe casa Sistema Solar, da mãe Terra nossa casa de chão, água, ar, metais e fogo. A unidade mais preciosa neste sistema? Nosso corpo. Uma casa viva caminhando pela Terra. Em homenagem a dois poetas e ao fato de poder caminhar e estar na Terra, fiz o seguinte poema:

De cabeça para baixo

O pernilongo voa sobre a pele
 Sedento por sangue e descanso
 A pele é sua Terra e manguê
 O urubu voa olhando para baixo
 De olho num cadáver mesmo sem sangue
 Do alto, é sua Terra de descanso
 O morcego dorme mergulhado no abraço
 Olha a Terra como céu abaixo

A Terra é seu teto de néctar
 Na noite festim, no dia balanço

“Até os urubus são belos
 No largo círculo dos dias sossegados”
 Um olhar de cima dos nefelibatas
 Meireles com Drummond ainda por cima
 Dois poetas de quem não me canso

De cabeça para baixo
 De ponta cabeça, está a Terra da gente
 Dos bípedes, somos criaturas belas e mundanas
 Da cabeça, inteligência que mente
 Donos do cosmos e do firmamento
 O céu e a Terra, um falso horizonte
 Para que os idiotas corram ao paraíso
 Onde escondem seus tesouros atrás do monte

O boi e o cavalo beijam a terra
 O cavalo puxa o pasto e relincha no tempo
 A égua pare o potro na terra e o limpa por inteiro
 Caga no próprio prato olhando para baixo
 Cagando e andando para o chicote do tropeiro
 Não puxam a descarga e não perdem a bossa
 Fertilizando a terra e sua própria comida
 O boi ruma o capim e descome o sobejo
 A vaca coopera com a terra e tempera o campo
 Caga no próprio prato olhando para baixo
 Fertilizando a terra e sua própria comida
 Puxando o relvado em cisalha o dia inteiro
 Cagando e andando para as ideias do fazendeiro
 Não puxa a descarga e nem pensa na fossa
 Deus está nela e na Terra e com ninguém no meio

O Homem.

Para evitar a terra,
 Calça nos pés sapatos,
 Nos sapatos, tapetes,
 E nos tapetes, soalhos.
 Calça as ruas: e como
 Não pode todo o mato,
 Para andar nele estende
 passadeiras de asfalto.

A Natureza.

Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto,
 Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
 A ave passa e esquece, e assim deve ser.
 O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
 Mostra que já esteve, o que não serve para nada.
 A recordação é uma traição à Natureza,
 Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
 O que foi não é nada, e lembrar é não ver.
 Passa, ave, passa e ensina-me a passar!
 Outro olhar nefelibata de cima
 Cabral e Pessoa, dois poetas de quem não me canso

De cabeça para baixo ou de baixo para cima
 De ponta cabeça está a casta da mente
 Inteligentes, belos, frágeis e inumanos
 Extinguem animais por conta de um patuá num pingente
 Cagam e andam como se a bosta não viesse dos humanos
 Matam-se uns aos outros por um deus diferente
 A coruja observa do alto da árvore e diz:
 É um caso de saúde cósmica
 Para toda esta espécie excitada por dinheiro

Aguardemos com paciência e compaixão
Até que eles mesmos deixem a Terra para a gente.

Penso nas casas todas ao mesmo tempo. Sem uma, não há outra. Nossa consciência raramente nota a interdependência de todas elas juntas no simples ato de um suspiro, de um riso, de uma emoção. Tudo depende delas juntas inequivocamente. Para nascer e para morrer, até para nelas voltar como filho pródigo, que nelas tenta saber viver e reconhecê-las como mães e pais, como família, ou melhor, como parte de si e de tudo numa vida só. Dos outros e de si mesmo, inseparadamente, num único organismo e partes e relações.

Diria eu que a arquitetura é uma das belas-artes mal praticada no Brasil. Talvez até no mundo todo atualmente, com raras exceções, comparando com épocas áureas das grandes obras, como nos séculos 18 e 19, se pensarmos no que ela tem contribuído à vida e à felicidade das pessoas. Na minha rasteira percepção, os tempos áureos dela já se foram, infelizmente, em muitos lugares e culturas. Quando mais ativa pelos projetos de Estado, no crescimento das classes médias pelo mundo afora, os grandes projetos de engenharia e de arquitetura, em sinergia, criaram belas cidades, com lugares públicos importantes e moradias adequadas para um grande número de habitantes. Não só em países mais desenvolvidos como poderíamos pensar, mas também os em desenvolvimento, como aqui em nossa histórica América Latina em suas cidades grandes – que já foram grandes cidades. O que vemos na Europa de hoje, usufruindo como turistas em suas cidades centenárias e milenares, por exemplo, são os planejamentos urbanos desenhados para culturas que buscavam construir espaços para a circulação de uma sociedade mais igualitária. Ou que no tempo foi se adaptando a esta riqueza tão importante para as políticas de bom senso. Não raro, projetadas com espaços públicos socializantes e acessíveis para o povo, bairros populares com moradias dignas e com fachadas homogêneas entre si e equilibradas na paisagem. Nessas urbes, dificilmente saltam aos olhos diferenças

sociais gritantes como as existentes no Brasil, marcadas pela arquitetura e urbanidade. Parece-me que, em países mais desenvolvidos, igualdade social e a arquitetura planejada e instituída no centro da cultura andam definitivamente juntas. Não há como separar uma coisa da outra.

Nesta perspectiva, o bem-estar social, também estimulado pelo valor estético da paisagem urbana, pode ser uma forma de concretizar literalmente os ideais de uma sociedade mais igualitária. Uma cidade limpa, prática, bonita e socializada é cenário essencial para o desenvolvimento de seus habitantes. Para mim, a linguagem neoliberal, que rege boa parte do Planeta hoje e que se enraizou muito pós-guerra fria, por volta de 1990, tem como referência básica a produção e os números econômicos. A Economia parece ter adquirido vida própria, com *status* de organismo independente da natureza, que, em si, tem vida própria e nos submete às suas leis e necessidades. Como se chuva fosse, reagimos às suas intempéries, aos seus raios e trovões. Em dias de sol, com sorte prosperamos, em dias de chuva, alguns ganham, outros se afogam. Ou seja, o capital livre e selvagem é uma religião universal, com raras exceções. Sua liturgia obteve tanto sucesso ao longo do tempo, que, hoje, não prestamos contas mais a uma paróquia ou a um padre, com nome próprio, com alguém que se possa ver e dialogar. Às vezes, nem patrão há que conheça seus funcionários. A grande missa é rezada por corporações, por instituições. O grande regente da vida de milhões de pessoas atende pelo nome de Sistema. As leis desta natureza economênica produzem referências que coordenam todas as outras atividades humanas e não humanas, como os PIB, o dólar, a bolsa de valores, os bancos, as ações, entre outras de que não me lembro ou que mal conheço. Os valores simbólicos como o dinheiro, o símbolo supremo de todos os tempos, em mãos erradas – que quase sempre o são – é a peça da jogatina generalizada, centralizada e acumulativa, concentradora de rendas e de riquezas. Ele, infelizmente, tem vida longa e é o signo mais valioso da face da Terra, a estrela-guia de todas as relações políticas e institucio-

nais representadas em nossas culturas. Há quem diga que o mundo tem uns 10 donos. Não mais do que isso.

Não tenho nenhum problema em relação ao capitalismo nem ao dinheiro. A questão é o modo como o usamos e o distribuímos, como jogamos o jogo da liberdade econômica. É só verificarmos que em alguns países a democracia capitalista funciona, noutros não. O que muda? O uso, e só. Ou seja, a coerência, a correção, o comediamento, a honestidade, a distribuição. Numa imagem mais ilustre: o modo como se convive com o outro. O respeito ao outro. Assim é que funciona também a lógica da crítica ao casamento, à instituição “casamento”. É ele que não dá certo? Ou são as pessoas que o experimentam? Então, nada em si é digno de avaliação e julgamentos sem uma relativização consciente.

Uns dizem que uma sociedade de sonho, dos meus sonhos, engaja-se essencialmente na distribuição mais equanimemente possível de suas rendas e de suas riquezas. Isso pode provocar outro efeito fundamental de distribuição, talvez a maior delas, a do conhecimento e da Educação. Isso, por sua vez, poderá girar o círculo virtuoso das oportunidades igualitárias para todos, aproveitando os fartos e inúmeros talentos inatos de qualquer ser humano em seu desenvolvimento, sem distinções. Por excelência, a cidade é uma das respostas concretas e simbólicas deste sonho, deste movimento de desenvolvimento social. É nela que vemos concretizadas as formas como queremos estar no mundo. Uma realização de mundo em boa convivência em espaços públicos e privados e especialmente em harmonia com a natureza. O contrário também pode ser verdadeiro, ou ao menos suscitável. Cidades caóticas, mal organizadas, em processo de deterioração de espaços públicos e de moradias, tendem a demonstrar mais violência, menos igualdade entre classes e, especialmente, Estados e Governos incapazes de criar e ou gerenciar obras públicas de importância vital ao bem-estar de seus cidadãos. Arriscado e desnecessário determinar quem provoca o que, mas pode ser uma evidência de que

o meio ambiente está diretamente ligado ao grau de desenvolvimento sensível de uma sociedade.

Provavelmente, as experiências estéticas na URBE, na ÁGORA pública que perduram no tempo, históricas, podem refletir esta virtude, com uma arquitetura engajada na criação de paisagens que promovam a integração – fisiológica até – do indivíduo com a dimensão social e suas riquezas naturais. Admiramos Roma e Atenas, por exemplo, assim como as urbes renascentistas, como o projeto da nova Paris encabeçado pelo arquiteto Georges-Eugène Haussmann em meados do século 19, entre outras cidades históricas do Oriente Médio, exatamente por terem alcançado algum patrimônio de valor humanitário fundamental para nossas vidas.

A importância da valorização do OYKOS ou do ECO – palavra grega que pode ter dado origem ao termo “ecologia”, aparece em vários momentos da história humana, desde os princípios da urbanidade mundo afora. Momentos também sonhados pelos abomináveis nazistas nos anos 1930. Hitler queria realizar a representação do poder absoluto numa pólis planejada, ao modo da Roma Antiga. “Germânia” era o nome da cidade que queria construir para celebrar seu ideal de império. Ideia que nada tem a ver com a pólis grega e a moderna, muito menos com este *oykos*. O significado essencial para ele refere-se ao espaço íntimo, privado, a casa, o familiar, enquanto a pólis é o espaço público.

Hoje, termo trazido para uma ciência meio ambiental, o *eco/oykos* centra-se na harmonização entre a sociedade industrial e a natureza, muitas vezes observando o Planeta como um ser vivo. Uma causa indispensável que teremos de tratar entre nós mesmos incansavelmente, sob a condição de subsistirmos ou não em nossa própria casa num prazo não muito distante. Como uma espécie de renascimento para mim, além de pedir permissão ao Planeta em tê-lo como nossa casa, devemos ainda nos empenhar na construção de um *oykos* marcado pela integração entre a utilidade e a beleza, um espaço saudável a que todos temos o dever de preservar e o direito de merecer.

O estético, o ético e o lógico deveriam ser valores básicos para a criação de nossos ambientes privados e públicos, especialmente os públicos que de tão públicos passam a ter o pertencimento e o conforto do privado. Os espaços públicos, ao fim e ao cabo, têm de ser a projeção do próprio homem, a projeção da própria sociedade que nele vive e vice-versa. Uma organicidade vivida na beleza, na coerência e na praticidade como referências de ocupação e de criação de espaços de convivência, e que, no fim, são extensões de nossos próprios corpos, de nosso sistema nervoso, de nossos sonhos, de nossa saúde e bem viver relacionados em boa sintonia com o meio ambiente.

Exemplos não faltam. O que seria de Veneza, em seus 1.500 anos de vida, se não fosse uma integração entre a lagoa/mar e sua exuberante arquitetura? Uma solução grosseira no passar dos tempos – se fosse nos tempos atuais – seria aterrar tudo e resolver o problema das enchentes? Talvez sim. Natureza, afaste-se! Apesar da poluição sofrida nos últimos tempos e da força das águas, projetos se intensificam na cidade italiana para salvá-la, preservá-la a todo custo. Entendemos que esse patrimônio da humanidade deve ser preservado exatamente porque, durante um período, a cultura enfrentou suas adversidades ao mesmo tempo em que optava pelo mérito de uma arquitetura representativa de seus ideais culturais, artísticos, religiosos e naturais. Certas forças perseveram. Atribuo à força do *oykos* em nossas vidas, seja onde for, onde ele estiver, o fato de a capacidade de preservação perseverar sobre a destruição e a violência do não *oykos*.

Concerto 422 para a covid-19

Confinamento de 1 de maio de 2020

Imagine-se em Veneza

Sinta-se em Veneza, melhor

Luzes baixas, ecos, sombras

Numa sala, o altar da música subindo

No ar salobro de uma noite enevoada
Em pleno barroco sobreviver ali não era uma facilidade
As pestes e os bárbaros, a cólera, a pobreza e a riqueza
Assim como as invasões invisíveis estão em nossa história
Aliás, nunca foi fácil viver nem morrer
As belezas, muitas se perdem no anonimato
Mas muitas vão passando e resistem ao tempo
Elas são maiores que nossas próprias vidas
Não somos importantes, mas nossa inteligência sim
Porque a vida parece existir para construir a beleza
Não é à toa, o pássaro voa na flor
Um Antonio Vivaldi naquela cidade em 1670
Época incomparavelmente mais difícil que a minha
É por isso mesmo que ela assim é e assim tenta permanecer
Resiste às cicatrizes, às pestes, às invasões
Há de se imaginar o poder da chaga e do medo
São alguns dos espíritos que fenomenam os clássicos
Uma das formas físicas possíveis da imortalidade
Assim ouço o *Concerto para Cello RV 422* do padre Vivaldi,
um veneziano.

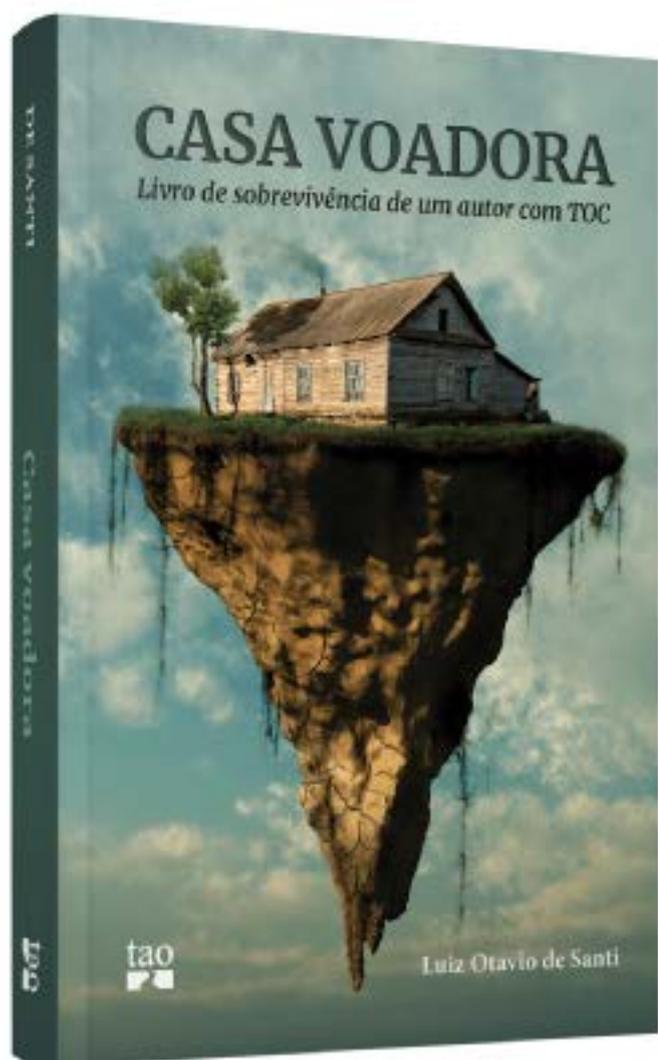
Esta é uma obra de não ficção interdisciplinar, híbrida, na qual o autor descreve suas estratégias para lidar com o TOC – transtorno obsessivo compulsivo. Um livro incomum, cheio de vida, de energia e de poesia; uma autobiografia marcada por criações artísticas e terapêuticas nas artes, na educação e na saúde. Como narra o autor, as três áreas formam um espaço de autoralidade, de autopoiesis.

“A autopoiesis é o termo que encontrei para designar a atitude criativa de observar o corpo como a principal obra de arte a ser realizada em nossas vidas.” Esta é a Casa Voadora, nossa Casa Voadora, uma obra interminável, em constante criação e observação. CASA, como palavra-chave neste trabalho, é o lugar de manutenção constante, de festas, perdas, partidas e chegadas. Escrito durante 500 dias, entre março de 2020 e agosto de 2021, período mais crítico da pandemia da covid-19.



www.taoeditora.com.br

tao

Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Casa voadora

Livro de sobrevivência de um autor com TOC

Luiz Otavio de Santi

ISBN: 9786589913313

Páginas: 444

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
